

A Crise Econômica Global Estorva o Desenvolvimento Humano. **Como?**

por Degol Hailu, Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo

Para as economias em desenvolvimento a atual crise significa demanda reduzida por suas exportações, um declínio nos fluxos de capital e receitas mais baixas do turismo. Este One Pager discute a transmissão da crise, das mudanças nas variáveis agregadas ao seu impacto sobre os progressos para o desenvolvimento humano. O foco é sobre as economias africanas.

De acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), em 2008, o volume do comércio mundial diminuiu 3,9 por cento sobre a cifra para 2007. A previsão é de um declínio adicional de 7,7 por cento em 2009. Esta queda na demanda implica um custo de cerca de US\$251 bilhões de dólares para as economias africanas. A perda vem de quedas nos preços de produtos primários. Entre abril e dezembro de 2008, o preço de bebidas e alimentos apresentou queda de 24 por cento. Os preços de minerais, minérios e metais caíram 51 por cento. Os preços de sementes de óleo vegetal caíram 47 por cento. Os preços das matérias-primas agrícolas diminuíram 35 por cento. Os preços do petróleo bruto caíram de uma alta de US\$ 127 por barril em Julho de 2008 para US\$ 39,93 em janeiro de 2009. Dez países da região dependem de exportações de petróleo como principal fonte de renda.

Para a região como um todo, o investimento estrangeiro direto como uma parcela da renda nacional está previsto para cair 16 por cento em 2009 a partir do seu valor de 2007. O Banco Mundial informou que as remessas para a África vão cair 8,3 por cento em 2009. Os primeiros informes indicam que a Irlanda, Itália e Letônia já cortaram suas ajudas externas em 10 por cento, 65 por cento e 100 por cento, respectivamente. A fatia da África em visitas turísticas diminuiu de 20 por cento do total mundial de visitas em 2007 para 4 por cento em 2008.

Como, então, afetam a crise os resultados do desenvolvimento humano? A ONU estima que até 103 milhões de pessoas vão cair na pobreza, ou não conseguirão escapar à pobreza por causa da crise. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a taxa de desemprego deverá aumentar 0,6 por cento em 2009. Cerca de 45.000 postos de trabalho já foram suprimidos na África do Sul. Na República Democrática do Congo, 100.000 trabalhadores foram despedidos por causa do fechamento de fundições. Na República Centro-Africana, a metade da força de trabalho foi despedida da Société d'Exploitation Forestière Centrafricaine (Sefca). No setor de mineração de Zâmbia, 6.000 pessoas perderam seus empregos em novembro de 2008.

Conceição et al. (2009: 5) nota que "os trabalhadores menos qualificados e os mais pobres são muitas vezes mais propensos a ser despedidos no início de uma recessão econômica. A falta de instrução e de competências transferíveis implica que o grupo será provavelmente o último a ser empregado depois que a economia se recuperar". Perdas de empregos formais do setor também aumentam a informalização do trabalho. A segurança do trabalho e a proteção jurídica estão comprometidas. O excesso de oferta de trabalho causado pela migração reversa é susceptível de agravar a pobreza através do desemprego acrescentado em cidades dos que voltam para casa e aldeias, diminuindo ainda mais os salários.

Uma queda nas remessas compromete a capacidade dos domicílios, que utilizam os recursos para a segurança social eficaz e para aplanar níveis de renda e consumo. As famílias podem vender seus ativos produtivos, como terra, gado e animais de carga, tornando-as ainda mais vulneráveis e desamparadas.

É provável que a redução do consumo doméstico aumente a desnutrição, especialmente entre as crianças. Isso impede o crescimento da criança, afetando a aprendizagem e habilidades cognitivas. O Banco Mundial informou que a mortalidade infantil nos países em desenvolvimento pode ser de 200.000 a 400.000 a mais por ano em média, entre 2009 e as metas do ano de 2015 para os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). Friedman e Schady (2009) estimam que a atual crise levará a entre 30.000 e 50.000 óbitos infantis em excesso.

Por causa de choques de renda, os domicílios pobres podem retirar suas crianças (muitas vezes meninas) da escola, para que possam complementar a renda familiar trabalhando no mercado informal de trabalho. Isso perpetua a transmissão intergeracional da pobreza e reduz a renda futura durante a idade adulta.

A crise pode piorar a distribuição de renda. É provável que os grupos de alta renda possam resistir a choques sacando das poupanças ou através do uso de facilidades bancárias. Aos grupos de baixa renda, muitas vezes falta poupança ou acesso a serviços financeiros, a fim de realizar os ajustes intertemporais em seus rendimentos.

Qual deve ser a resposta imediata? A crise afeta desproporcionalmente os pobres, que em primeiro lugar, têm fracos mecanismos para lidar com ela. Subsídios que protejam itens vitais de consumo, tais como alimentos e combustível para cozinhar são úteis medidas anti-crise. Programas existentes de assistência social, tais como obras públicas com uso intensivo de mão-de-obra e transferências de renda podem ser incrementados para proteger os empregos e rendimentos. Gastos sociais e de infra-estrutura precisam ser delimitados. Estas medidas requerem financiamento e espaço político para adotar políticas macroeconômicas anti-cíclicas.

Qual deve ser a resposta a longo prazo? As políticas nacionais e das instituições determinam o curso do desenvolvimento. Mas a vulnerabilidade das economias às crises é amplamente determinada pela sua posição na hierarquia de produção e distribuição da economia global. O que é necessário é uma estratégia para a transformação das estruturas econômicas e sociais.

Referências:

- Conceição, Pedro, Namsuk Kim and Yanchun Zhang (2009). 'Economic Shocks and Human Development: A Review of Empirical Findings'. UNDP/ODS Working Paper. New York, United Nations Development Programme.
- Friedman, Jed and Norbert Schady (2009). 'How Many More Infants Are Likely to Die in Africa as a Result of the Global Financial Crisis?' World Bank Development Research Group. Washington, DC, World Bank.